

## ARENAS CULTURAIS E BIOGRAFIAS URBANAS: GILBERTO FREYRE, O RECIFE E A PROVÍNCIA

José Tavares Correia de Lira  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / Universidade de São Paulo  
josetclira@gmail.com

### RESUMO

O presente ensaio discute os cruzamentos entre história social e biografia para pensar a hipótese de uma "história íntima" das cidades. Percorrendo algumas pistas historiográficas sugeridas por Gilberto de Freyre ao longo de sua obra, propõe-se a reconectá-la ao universo de formação do autor no meio cultural e intelectual recifense. Em um primeiro momento, acompanha o desenvolvimento da noção de "caráter da cidade" ou "personalidade urbana" nos registros evocativos de um passado e de uma paisagem ali perdidas. Em um segundo momento, propõe associar a consolidação do tema à formação nos anos 1920 de uma pulsante arena cultural no Recife, especialmente sensível aos traços de continuidade espaço-temporais no Nordeste açucareiro. Por fim, pretende situar a absorção desta agenda pelo jornal A Província, veículo extremamente influente política e culturalmente no final dos anos 1920. Entendendo-o como polo de produção e difusão de certa representação letrada do mundo social local, detenho-me especialmente sobre um série de escritos ali publicados em torno da criança e dos brinquedos infantis como expressivos de uma narrativa da cidade imune às concepções diacrônicas do tempo e as lógicas abstratas do espaço.

**PALAVRAS-CHAVE:** história; biografia; cidade; infância; Gilberto Freyre; Recife.

## CULTURAL ARENAS AND URBAN BIOGRAPHIES: GILBERTO FREYRE, RECIFE AND A PROVÍNCIA

### ABSTRACT

*The present essay argues on the possibilities of an "intimate history" of cities by exploring the intersections between social history and biography. It proposes to reconnect some of the historiographical clues suggested by Gilberto Freyre with the cultural and intellectual milieu in which the author was raised in Recife. It first follows the development of the idea of a "city's character" or of an "urban personality" in the evocative discourses on a local past and a local landscape supposedly lost there. It then proposes to link the emergence of the theme to the consolidation in the 1920s of a vibrant cultural arena in Recife, which was especially sensitive to traces of spatio-temporal continuity within the Brazilian northeast region. Finally, it intends to place the absorption of such agenda by the local newspaper A Província (The Province), a vehicle extremely influent in late 1920s, both in politics and culture. Understanding it as a major pole of production and dissemination of certain literate representations of the local social world, I particularly dwell on a series of writings there published around the child and children's plays and playgrounds as expressive of a narrative of the city immune to diachronic conceptions of time and the abstract logic of space.*

**KEY-WORDS:** History; biography; city; childhood; Gilberto Freyre; Recife.

“Ce Roman Vrai’. ‘Romance’, sim; mas ‘romance verdadeiro’. ‘Romance’ descoberto pelo observador, ao mesmo tempo intérprete e participante da história ou da atualidade estudada; e não inventado por ele. ‘Romance’ que, afinal, é menos romance que extensão, ampliação ou alongamento, por processo vicário e empático, de autobiografia; extensão ou ampliação da memória ou da experiência individual na memória ou na experiência de uma família, de um grupo, de uma sociedade de que o participante se tornou também observador e, por fim, intérprete.” (Freyre, 1951: 50)

A passagem acima talvez seja das mais lembradas de *Sobrados e Mucambos*. Na verdade é um trecho da introdução à segunda edição do livro, bastante ampliada em relação à de 1936. Nela Gilberto Freyre reincide em assunto recorrente em sua obra: o deslizamento entre sociologia e literatura, entre critérios quantitativos ou factuais e o que ele definia como um “impressionismo revelador de aspectos esquivos ou fugazes de realidade ostensivamente viva ou aparentemente morta”<sup>1</sup>. O que está em jogo é, portanto, a investigação histórica do mundo social informada por fontes autográficas e ficcionais. Daí o topos de uma história social como “roman vrai”, expressão tomada de empréstimo aos Goncourt para se referir a um modelo de “história íntima”, que “ao gosto pela miniatura concreta” juntasse uma “sensibilidade aos conjuntos significativos”<sup>2</sup>, por meio de fontes pessoais, recortes concretos e certa empatia do observador com o universo observado.

É importante acentuar que para os irmãos Goncourt tratava-se de um projeto realista, e até positivista, de reconstituição de uma época a partir do acúmulo de “documentos humanos”, como registros de suas ações e paixões, modos e motivações. Apoiando a narrativa histórica no anedotário sem pudores de figuras publicamente relevantes – “o homem de estado, o homem de guerra, o poeta, o pintor, o grande homem de ciência ou de profissão” – acreditava-se poder penetrar na substância mesma da vida social:

*“Là est la curiosité nouvelle de l’histoire et le devoir nouveau de l’historien. [...] Et qu’est-ce donc cette science sans dédains, cette peinture qui descend à tout sans s’amoindrir, cette sagacité déductive, cette reconstruction du microcosme humain avec un grain de sable ? C’est l’histoire intime; c’est ce roman vrai que la postérité appellera peut-être un jour l’histoire humaine”. (Goncourt, 1857 : VII-VIII).*

O embate com a literatura e a biografia remonta, na verdade, à gênese da disciplina histórica como ciência de causas e teleologias estáveis, imune a toda representação heroica, autônoma ou narcísica dos indivíduos<sup>3</sup>, que na história universal, nacional ou social, não passariam do “pano de fundo, figuras acessórias”<sup>4</sup> dos sujeitos e forças em primeiro plano: a humanidade, o povo, o cidadão, as classes, as estruturas, os grupos de interesse, as mentalidades. Enraizando-se, portanto, em uma crítica da historiografia científica, a fórmula enunciada pelos Goncourt fazia eco a uma posição igualmente influente ao longo do século XIX - com Carlyle, Humboldt, Droysen, Burckhardt, Tolstoi, Meinecke, Dilthey e outros<sup>5</sup> - acerca do valor das trajetórias de vida para uma outra história que se via como experiência intersubjetiva e multiforme do tempo, e não um efeito da ação incontrastável dos indivíduos ou de qualquer totalidade impessoal autônoma.

O tema vem suscitando bom esforço de revisão da epistemologia histórica nas últimas décadas. Já Paul Veyne em 1971, em sua crítica à pretensão de veracidade da história em contraponto aos compromissos da literatura com a invenção, foi dos que retomaram a expressão: “Les historiens racontent des événements vrais qui ont l’homme pour l’acteur; l’histoire est un roman vrai”<sup>6</sup>. Se a história não era ciência, nem tinha muito o que dela esperar, ela tinha o que aprender com a mistura quase nunca cronológica de causas materiais, fins e acasos da trama romanesca<sup>7</sup>, tradicionalmente apoiada na biografia de homens-valor, “que escrevem as suas memórias e deixam que se escreva as suas vidas”<sup>8</sup>. Ainda que desde então fosse possível reconhecer a retomada do projeto biográfico através da micro-história ou da história oral, apenas recentemente a revisão das relações entre história e biografia parece ter ganhado relevo no debate historiográfico.<sup>9</sup> “Qual o lugar da biografia na história? Que tipos de biografias para que tipo de história? Que práticas e percursos de historiadores?”<sup>10</sup> Já não seria a hora de se falar também das ilusões do não-biográfico ou das miragens de uma história não-biográfica? Não teria a biografia, assim como a prosopografia, um papel decisivo a cumprir ao confrontar, de maneira particularmente aguda, os historiadores com problemas essenciais da escrita histórica, incluindo os seus nexos com as próprias trajetórias de vida dos historiadores?<sup>11</sup>

Não me estenderei aqui nesse debate. Tentarei apenas imaginar como esse viés da história íntima há de ter ressoado em certo modo de fazer história cultural urbana, ou antes, como ela parece ter sido esboçada por Gilberto Freyre em seus

<sup>1</sup> Gilberto Freyre, *Sobrados e Mucambos*, 1951, p. 49.

<sup>2</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>3</sup> Sabina Loriga, *Le Petit x: da la biographie à l’histoire*, p. 46-55.

<sup>4</sup> Hans Magnus Enzenberger. “letteratura come storiografia”. *Il Menabò*. No. 9, Jul. 1966, p. 8, apud Loriga, op. cit., p. 11

<sup>5</sup> Loriga, 2010.

<sup>6</sup> Paul Veyne, *Comment on écrit l’histoire*, p. 10.

<sup>7</sup> Idem, *ibidem*, p. 46.

<sup>8</sup> Idem, p. 71.

<sup>9</sup> Sabina Loriga. “Sur les épaules des géants” IN *Le Petit x*, p. 247-271; Richard White. “Round table: self and subject”. *The Journal of American History*. Vol. 1, No. 89, 2002; Nick Salvatore. “Biography and Social History: an intimate relationship”. *Labour History*. No. 87, nov. 2004; Jeremy Popkin. *History, historians and autobiography*. Chicago: The University of Chicago Press, 2005; Antoine Coppolani e Frederique Rousseau (orgs). *La biographie en histoire: jeux et enjeux de l’écriture*. Paris: Michel Houdiard Editeur, 2007; Barbara Caine. *Biography and History*. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

<sup>10</sup> Antoine Coppolani. “La biographie historique: un empire sur lequel le soleil ne se couche jamais” IN Coppolani, A. e Rousseau, R., *La biographie en histoire*, p. 89.

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*, pp. 91, 93.

anos de formação no embate com a produção cultural recifense na década de 1920. Pois de fato nesta cidade, neste período e ao redor deste autor criou-se uma “arena cultural” não apenas efervescente e articulada, mas plena de sugestões acerca das relações entre retratos individuais e histórias urbanas. Relatos de acento autobiográfico, aliás, como os de Freyre, Manuel Bandeira, Manuel de Souza Barros, Joaquim Cardozo, Joaquim Inojosa, Luis Jardim e Sylvio Rabello<sup>12</sup> dão elementos importantes para se compreender seus traços distintivos. Esta arena cultural específica parecia instituir-se nas margens entre meios de imprensa, boêmios e políticos locais e espaços já consagrados da cultura jurídica, filosófica, sociológica e literária, como a Faculdade de Direito do Recife. Mas também se apoiava na liderança de um punhado de figuras intelectualmente privilegiadas em meio a redes de afinidades naturais e eletivas com talentos nem sempre muito brilhantes, círculos sociais fechados em relação ao espectro de posições ideológicas que incluíam, e vínculos primários de dependência para com o Estado e o mecenato açucareiro. Foi assim que ela parece ter funcionado de modo relativamente estável e prolífico na cidade naqueles anos. Em detrimento, inclusive, do que em geral associamos a uma vida espiritual moderna com suas mediações e trocas universais, suas tradições de cosmopolitismo, ilustração e radicalismo no pensamento, nas ciências e nas artes, instituições modernas de produção e reprodução cultural e um público de consumidores razoavelmente letrados.<sup>13</sup> Afinal, como explicar sua estruturação em uma cidade, cujas inquestionáveis funções de centralidade na vasta parte norte do país não pareciam corresponder exatamente a uma organização social e cultural metropolitana típica?<sup>14</sup> Ou antes, como suas eventuais limitações neste aspecto porventura se ligaram à montagem ali de determinados prismas intelectuais, entre originais e idiossincráticos, sobre a cidade e a história? Ou de certa história urbana iluminada pela biografia de indivíduos e de nichos intelectuais, pensados no trânsito entre circuitos sociais, institucionais e morais, entre o singular e o público, nas tensões e incertezas, iniciativas e inércias que os constituem.

## ESCRITA ÍNTIMA, BIOGRAFIA DO SOCIAL

É importante ter em vista que em Gilberto Freyre esse prisma da história íntima guarda especificidades. Até porque profundamente implicado em sua biografia e objeto por excelência. Seu investimento em uma história social animada pela convocação de detalhes e indivíduos concretos do passado liga-se a um complexo de memórias e experiências a ele familiares, assim como a determinada interpretação das relações entre o privado e o público, o íntimo e o social no Brasil. A referência de 1951 não foi a primeira nem a única alusão à ideia. A proposta de fazer cruzar história e biografia vinha sendo aqui e ali apresentada desde os anos 1920 em artigos avulsos<sup>15</sup>. A referência aos Goncourt ecoa na verdade passagem ainda mais conhecida do prefácio à primeira edição de *Casa-Grande & Senzala*:

*“A história social da casa-grande é a história íntima de quase todo o brasileiro: da sua vida doméstica, conjugal, sob o patriarcalismo escravocrata e polígamo; da sua vida de menino; do seu cristianismo reduzido a religião de família e influenciado pelas credices da senzala. O estudo da história íntima de um povo tem alguma coisa da introspecção proustiana; os Goncourt já o chamavam ‘ce roman vrai’. (...) Estudando a vida doméstica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o ‘tempo perdido’. Outro meio de nos sentirmos nos outros – nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipou a nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos.” (Freyre, 1933: XXX-XXXI)*

Seja em um caso, seja em outro, o universo privilegiado desse “passado que emenda com a vida de cada um” era a vida íntima e a casa, vistas em seu máximo valor simbólico face a longos processos sociais de integração, amadurecimento e desintegração da forma patriarcal. Seguindo a pista enunciada por Walter Pater, a casa era ali investida de valor autobiográfico e alegórico, na recaptura da memória infantil, familiar ou nacional<sup>16</sup>. A estratégia teórica vinculava-se ainda a famosa tese histórico-social: o sistema de colonização portuguesa no Brasil, latifundiário, monocultor, patriarcal e escravocrata, todo ele se amparava na estrutura da casa-grande completada pela senzala. Em suma, seja por suas dimensões de privacidade e continuidade, seja por sua capacidade de acomodar tensões, a história social da casa em geral, e da casa-grande do engenho de açúcar nordestino em especial, com seus vetores de equilíbrio e antagonismo, aconchego e violência, permitiriam atingir a “intimidade mesma do passado”.

Não é menos importante observar que tendo partido de um ânimo introspectivo primitivo - “escrever uma história como suponho que ninguém tenha escrito com relação a país algum: a história do menino, da sua vida, dos seus brinquedos, dos seus vícios”, como anotaria em seu diário por volta de 1921<sup>17</sup> - Gilberto Freyre escreveu *Casa-Grande & Senzala* na experiência política do exílio. Como romance de homem desterrado e solitário, esse projeto de história íntima surge, portanto, não somente como possibilidade metodológica mas como evocação de um mundo ancestral reanimado pelas rupturas do presente, suas sobrevivências na memória coletiva e o tempo morto ou sobrenatural de seus fantasmas.

<sup>12</sup> Gilberto Freyre. Tempo morto e outros tempos, 1975; Idem. De menino a homem, 2010; Manuel Bandeira. Itinerário de Pasárgada, 2012; Manuel de Souza Barros. A década 20 em Pernambuco, 1985; Joaquim Inojosa. Notícia biobibliográfica de Joaquim Inojosa, 1975; Sylvio Rabello. Tempo ao tempo, 1979; Luis Jardim. O meu pequeno mundo, 1976.

<sup>13</sup> Carl Schorske. Viena Fin-de-Siècle, 1989; Thomas Bender. New York intellect, 1988.

<sup>14</sup> O que o próprio Gilberto Freyre parecia reconhecer, assim como muitos de seus conselheiros, em suas hesitações de juventude entre a garantia de autoridade pessoal na província e ambientes mais desafiadores e receptivos a suas qualidades intelectuais, como o Rio de Janeiro, São Paulo, os Estados Unidos ou a Europa.

<sup>15</sup> Gilberto Freyre, “----- 98”. *Diário de Pernambuco*, Recife, 1/3/1925 IN Freyre, G. Tempo de Aprendiz. Vol. 2, 1979, p. 126-127; Idem, “--- ----- 92”. *Diário de Pernambuco*, Recife, 18/1/1925, em idem, ibidem, p. 111-112.

<sup>16</sup> Pallares-Burke, Gilberto Freyre, p.186-188.

<sup>17</sup> Gilberto Freyre. Tempo morto, p. 54, 60. Larreta e Giucci destacam a permanência do projeto na composição de sua biblioteca e em sua correspondência dos anos 1920. Larreta e Giucci. Gilberto Freyre, p. 321-328.

Ele estava atento ao fato de que a reconstituição histórica pelo prisma da intimidade em um país como o Brasil não era tarefa fácil.<sup>18</sup> Mas desde cedo a aposta em fontes privadas como vias de acesso à história social vinha sendo esboçada em sua obra. Ela está presente já em seus primeiros estudos de história social, como o *Vida social no Nordeste*<sup>19</sup>, de 1925, em que fica clara a filiação do autor à classe dos senhores de engenho, e o *Vida Social no Brasil em meados do século XIX*, de 1923, cuja epígrafe seria retirada precisamente aos *Portraits intimes* dos Goncourt : «...l'histoire intime ; c'est ce roman vrai que la posterité appelerait peut-être un jour l'histoire humaine ».<sup>20</sup> O tema atravessará toda sua obra, como em *Ordem e Progresso*, de 1957, em que o autor não apenas investe em fontes pessoais disponíveis para compreender a transição do Império à República, mas atua em sua produção, estimulando a geração de memórias e depoimentos de vida de sobreviventes do período.<sup>21</sup> A ideia o levaria ainda a esboçar o que ele chamou de uma “sociologia da biografia” no estudo introdutório à publicação dos diários de Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, governador da capitania de Mato Grosso e Cuiabá no século XVIII, para repensar a projeção no espaço luso-tropical da experiência de um agente histórica e sociologicamente simbólico de administrador colonial na América portuguesa no período pomalino. Tratava-se de pensar uma

«biografia em termos existenciais suscetíveis de serem sublimados em termos simbólicos, de um homem da representatividade de Luiz, até tornar-se parte de uma 'autobiografia coletiva' que inclua não só predecessores como sucessores do biografado, inclusive, pirandeliamente, os seus intérpretes.» (Freyre, 1968: 101-103)<sup>22</sup>

Vale lembrar, por outro lado, que entre os vários retratos pessoais que o autor esboçou, dois dos mais significativos ambientam-se no Recife: o de Louis-Léger Vauthier e o de Felix Cavalcanti de Albuquerque Mello. De um lado, o engenheiro francês, peça central do processo de europeização da cidade na primeira metade do século XIX<sup>23</sup>, e, de outro, o velho Felix, um representante da oligarquia conservadora pernambucana, mal ajustado ao declínio do sistema açucareiro-escravocrata<sup>24</sup>. Ambos os retratos íntimos, ainda que padecessem de certa idealização<sup>25</sup>, tinham muito a dizer sobre a história de um período “de transição” do país, funcionando talvez como biografias sociais, como relatos de trajetórias enraizadas em um mundo que as explica inclusive nas tensões que descrevem entre destinos individuais e suas ancoragens sociais<sup>26</sup>.

## O CARÁTER DA CIDADE EM TEMPOS DE TRANSIÇÃO

A despeito de sua ambição metodológica, com Freyre o tema da história como autobiografia coletiva tem cidadania definida. Foi no Recife onde o projeto floresceu, e foi ali que encontrou um laboratório privilegiado enquanto “história íntima da cidade”. Talvez porque gestado em um meio revolido, como de praxe favorável a esforços introspectivos de salvação do eu, esse projeto mobilizaria conceitos, categorias e pontos de vista suficientemente amplos para articular as expressões e os ritmos do desenvolvimento da cidade no quadro da modernidade urbana, ao mesmo tempo operando seletivamente de modo a filtrar os dados locais conforme certas autoimagens e experiências do passado.

De fato, o momento coincide com mudanças radicais no Recife, ligadas a processos regionais e globais mais amplos.<sup>27</sup> Para os contemporâneos, aquelas primeiras décadas do século XX seriam percebidas como de grande transformação, com todos os problemas e possibilidades, riscos e promessas que isso implicava. Não foram poucos os que se debruçaram sobre o fenômeno, tingindo-o de sentimentos de nostalgia, fascinação, ansiedade, otimismo ou estupor, assim como de um desejo de apreender ou transformar a sua história, instruir o seu progresso ou deter sua decadência. De fato, entre os anos 1920 e 1930, médicos, jornalistas, educadores, escritores, engenheiros, urbanistas, investigadores sociais, militantes operários, poetas e artistas reagiriam cada um à sua maneira a essas mudanças muito sensíveis na cidade.<sup>28</sup> O vasto conjunto de registros pessoais e públicos que produziram a seu respeito, os modos nem sempre divergentes de evocar o passado da/cidade parecem encontrar naqueles anos momento privilegiado de inflexão. Talvez porque suas próprias trajetórias de vida não pudessem mais resistir à desintegração da velha ordem, o que em grande medida os liberava, incentivava ou mesmo convocava a projetar o mundo perdido no tempo intemporal da memória coletiva, na literatura, na pintura, no cinema, no jornalismo, na história, na biografia, na psicologia, na educação, na geografia, na sociologia e na antropologia.

Para Gilberto Freyre, mais do que para qualquer um de seus contemporâneos, a convergência entre vida pessoal e história da cidade parece ter produzido uma resposta das mais consistentes. Em parte talvez porque o Recife lhe permitia tocar nos nervos de polaridades paradigmáticas. Pois em *Sobrados e Mucambos* a cidade tem papel crucial na compreensão do

<sup>18</sup> No Brasil o confessorário absorvera “os segredos pessoais e de família, estancando nos homens, e principalmente nas mulheres, essa vontade de se revelarem aos outros” em formas variadas de expressão de si, que nos países protestantes abastecem fartamente “o estuioso de história íntima”. Gilberto Freyre. Casa-Grande & Senzala, p. XXXI.

<sup>19</sup> Idem. “Vida social no Nordeste: aspectos de um século de transição” IN Freyre, G. (org.). Livro do Nordeste, 1925, p. 75-90.

<sup>20</sup> Idem. “Social life in Brazil in the middle of the Nineteenth century”, p.597.

<sup>21</sup> Idem, *Ordem e Progresso*, p. XXVII-XXXI.

<sup>22</sup> Cf Moraes e Rattton Jr. “Gilberto Freyre e a articulação dos níveis micro e macro na sociologia”, 2005.

<sup>23</sup> Gilberto Freyre. Um Engenheiro francês no Brasil, 1940.

<sup>24</sup> Idem. “Introdução” IN F.C. de A. Mello, Memórias de um Cavalcanti, 1940.

<sup>25</sup> Tributária talvez de suas próprias ilusões e utopias de coerência, veridicidade e autenticidade. Cf. Pierre Bourdieu. “L'illusion biographique”, 1986, p.69-72; Jean-Claude Passeron, “Le scénario et le corpus: biographies, flux, itinéraires, trajectoires”, 1990, p. 3-22.

<sup>26</sup> François Dosse, “la biographie social”, in *Le pari biographique: écrire une vie*, Paris, La Découverte, 2011, pp.235-249.

<sup>27</sup> Robert Levine. A Velha Usina, 1980; José Lira. Mocambo e Cidade, 1996.

<sup>28</sup> Souza Barros. A década 1920; Antonio Paulo Rezende. (Des)encantos Modernos, 1992; Lira, Mocambo e Cidade, 1996.

processo mais geral de “decadência do patriarcado rural no Brasil”. De um lado porque condensara a “primeira tentativa de colonização urbana do Brasil”; de outro, porque aquele “primeiro ponto do Brasil colonial a amadurecer em cidade moderna” revelara-se pólo de dissolução social, moral, étnica, sexual e sanitária<sup>29</sup>. Seja por sua modernidade, seja por sua decadência, portanto, o Recife aparecia-lhe como laboratório das ambigüidades do processo civilizatório mais geral no país. Sua precedência sociológica e cronológica na história urbana brasileira corresponderia ainda a um caráter peculiar, retratado dois anos antes em seu *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*: a combinação de traços de cosmopolitismo e provincianismo, históricos e atuais, que exigira do cicerone um roteiro íntimo, recuando em seu passado, em sua psicologia, fantasmas e recantos:

*“O viajante que chega ao Recife por mar, ou de trem, não é recebido por uma cidade escancarada à sua admiração, à espera dos primeiros olhos gulosos de pitoresco ou de cor. Nenhum porto de mar do Brasil se oferece menos ao turista. Quem vem do Rio ou da Baía, (...) talvez fique a principio desapontado com o Recife. Com o recato quase mourisco do Recife, cidade acanhada, escondendo-se por trás dos coqueiros; e angulosa, as igrejas magras, os sobrados estreitos.” (Freyre, 1934)*

O “encanto recatado da cidade oriental”, velada, feminina, que só deixava “de fora, metade do rosto” e não se entregava facilmente, era desse modo convertido em traço de personalidade. Qual Veneza, sua fisionomia deixara-se esculpir pelas “moles carícias” da água de rio e os “afagos voluptuosos” das ondas do mar.<sup>30</sup> Diante de seus Don Juans, a cidade tinha algo de faceira, traços de coquetismo<sup>31</sup>, flutuando entre clichês e dissonâncias:

*“As ruas do Recife variam muito de fisionomia, de cor, de cheiro. Parecem às vezes cidades diferentes. Há ruas perfeitamente européias como a Avenida Rio Branco. Outras que dão a ideia de se estar no Oriente como a Estreita do Rosário à noite, como o Beco do Cirigado (...) Enquanto certos trechos da cidade dão a lembrar cidades do Senegal, trechos com mucambos, casas de palha, que aliás, não são tão ruins.” (Freyre, 1934)*

Esta característica híbrida da cidade era, por certo, um traço profundo de sua personalidade, remanescente à experiência colonial, liderada, segundo Gilberto Freyre, por um povo fortemente marcado pelo passado moçarabe, sua miscibilidade, plasticidade e mobilidade. É interessante observar a apresentação ao mesmo tempo empática e polêmica da cidade como especie de retrato da própria cidade colonial luso-brasileira. É o que se percebe tanto em *Casa-Grande & Senzala e Sobrados e Mucambos*, quanto no *Guia* da cidade. Mas a visada efetivamente fôra gestada na década anterior, em meio a uma experiência pessoal publicamente estilizada.

Desde 1918, quando embarcou em uma temporada de estudos superiores nos Estados Unidos, Gilberto iniciara uma intensa atividade como cronista do *Diário de Pernambuco*, que se estenderia até o final de 1926 e que lhe levaria a se debruçar sobre temas os mais variados.<sup>32</sup> Seus primeiros artigos a tratar do Recife são de 1923, pouco depois de seu retorno do *grand-tour* pela Europa, após o mestrado na Universidade de Columbia. Aos poucos eles parecem cristalizar alguns temas: a ausência de música em suas ruas, cafés e igrejas; o desaparecimento das velhas casas coloniais, substituídas por uma “arquitetura de confeitaria”; a sanha devastadora do passado e das “características nacionais ou locais”; a destruição dos antigos monumentos em nome do novo, tido como “rebarbativo, desgraçoso”; a ausência de parques infantis, árvores e áreas verdes<sup>33</sup>. A visada crítica das transformações recentes na cidade confunde-se à biografia do cronista, a lembranças de infância e juventude, à experiência do desterro e à difícil readaptação, revisitadas no confronto entre o mundo que encontrava ao regressar e a formação que obtivera no exterior. E talvez não pudesse ser de outro modo: sua caracterização talvez só a sentisse “quem fosse filho da terra e tivesse brincado menino pelos fundos de sítios cheios de cajueiro e mangueira e de touças de bananeira,” dependendo de “associações do objeto de observação com experiências de infância” do observador.<sup>34</sup>

Esse retorno polêmico sobre a cidade natal seria certamente marcado pela apropriação de vertentes do tropicalismo, do regionalismo, do anti-industrialismo e do culturalismo contemporâneos como ferramentas críticas ao eurocentrismo ainda dominante na intelectualidade brasileira. Os artigos dão inúmeros testemunhos a esse respeito. Mas há nele também uma dimensão nostálgica, profundamente ligada à suas memórias de infância:

*“Os que, ainda meninos, conhecemos o Recife de Lingüeta, do Arco de Santo Antônio, dos quiosques e das gameleiras, vamos experimentando sensação igual quanto à paisagem física. Parece que temos vivido em duas cidades diferentes. É uma angústia para as criaturas sensíveis viver nessas épocas de aguda transição. Vêem-se, afinal, numa cidade que lhes parece estrangeira.”<sup>35</sup>*

As imagens aludem diretamente às perdas materiais e sensíveis por que o Recife passara ao longo da década de 1910 e início de 1920. Tratava-se de questionar a demolição dos antigos cais, portas, igrejas e sobrados da cidade, a substituição

<sup>29</sup> Gilberto Freyre. *Sobrados e Mucambos*, 1936, p. 166, 194.

<sup>30</sup> Gilberto Freyre, “----- 99”, *Diário de Pernambuco*, 8/3/1925 IN Freyre, G. *Tempo de Aprendiz*. Vol. 2. p. 128-130.

<sup>31</sup> Fernanda Peixoto, “A cidade e seus duplos: os guias de Gilberto Freyre”, p.159-173.

<sup>32</sup> Gilberto Freyre, *Tempo de Aprendiz*, 1979.

<sup>33</sup> Idem. “----- 24”. *Diário de Pernambuco*, 30/9/1923 IN *Tempo de Aprendiz*. Vol. 1, p. 315-316; Idem. “----- 26”. *Diário de Pernambuco*, 14/10/1923 IN *Tempo de Aprendiz*. Vol. 1, p.320-322; Idem. “----- 34”. *Diário de Pernambuco*, 9/12/1923 IN *Tempo de Aprendiz*, Vol. 1, p.341-343; Idem. “----- 37”. *Diário de Pernambuco*, 12/12/1923 IN *Tempo de Aprendiz*, Vol. 1, p.350-351; Idem. “----- 39”. *Diário de Pernambuco*, 13/1/1924 IN *Tempo de Aprendiz*, Vol. 1, p.355-357; Idem. “----- 4”. *Diário de Pernambuco*, 13/5/1925 IN *Tempo de Aprendiz*, Vol. 1, p. 256-258;

<sup>34</sup> Idem. “Mestre Agache no Recife. Trecho de uma reportagem para jornal, ampliada em conferência, Recife, 1927” IN Freyre, G. *Retalhos de Jornais Velhos*, 1964, p. 119.

<sup>35</sup> Idem. “----- 53”. *Diário de Pernambuco*, 20/4/1924 IN *Tempo de Aprendiz*, Vol. 2, p.16.

da arborização autóctone em busca da marcas do tempo na cidade. Não que a preservação de seu caráter implicasse indiferença às exigências sanitárias e de circulação viária, contemporizava o intelectual público. O problema é que as reformas que nela vinham sendo implementadas feriam os “valores íntimos, essenciais, da mesma paisagem”<sup>36</sup>. Esse sentimento de angústia e de perda, e visão pessimista que lançava sobre o curso das transformações, aos poucos viria a se converter em uma atitude assumidamente anti-positivista de defesa da personalidade urbana, cuja páatina vinha sendo removida com o beneplácito dos urbanistas.<sup>37</sup> Os novos imperativos técnicos que ganhavam terreno na opinião e na política precisavam ser confrontados com outros critérios, igualmente racionais, ainda que tradicionais, de edificação urbana.

## UMA ARENA REGIONALISTA

É importante ter em mente que em meados daquela década esse discurso aparentemente solitário, às vezes repellido como “passadista” ou “estrangeirado”<sup>38</sup>, começara a encontrar eco no movimento regionalista que tomara conta da cidade em 1924. No Recife, desde então, em torno do Centro Regionalista do Nordeste, viria a se constituir um núcleo solidário de militância cultural, reunindo discursos até então dispersos e por vezes antagônicos acerca de assuntos julgados essenciais a uma região “tão claramente caracterizada na sua condição geográfica e evolução histórica”<sup>39</sup>. Acreditava-se que o Nordeste não descrevia simplesmente uma unidade física mas espiritual, sedimentada ao longo do período colonial, e que desde o Império vinha perdendo em dinamismo e peso político no conjunto da nação<sup>40</sup>.

De fato, se para alguns de seus membros, tratava-se de reivindicar a precedência ou a autonomia do Nordeste por meio da evocação de tradições de casa-grande e interesses econômicos e políticos das elites regionais; para outros, tratava-se de reencontrar sua identidade no folclore mestiço, na poesia, cantos, danças, festas e brincadeiras populares, nas artes caseiras, nas expressões artísticas e religiosas afro-brasileiras. Para Gilberto, apesar das diferenças, haveria algo que os unificava: um tipo de “desenvolvimento dentro do espírito do seu passado, contribuindo com sua forte originalidade local para a riqueza do conjunto brasileiro”, de modo que os “neotradicionalistas” do Recife sentimos na tradição nordestina uma força viva e plástica a ser desenvolvida em valores novos, atuais, ativos.”<sup>41</sup>

A composição do Centro era de fato heterogênea: presidido por Odilon Nestor (1865-1968), um poeta paraibano de quase 60 anos, catedrático da Faculdade de Direito do Recife, tendo Gilberto Freyre, recém chegado de Columbia, então com 24 anos, como seu secretário-geral, compunha-se de membros de gerações, trajetórias intelectuais e posições políticas variadas, pouco depois de sua criação passando a atrair tanto conservadores como progressistas, tradicionalistas e modernistas, homens da cidade, do interior e de estados vizinhos.

Ainda que independente do Centro, aliás criada alguns meses antes, em 1923, também a *Revista do Norte* seria marcada por essa heterogeneidade social e ideológica<sup>42</sup>. O próprio Gilberto, em 1924, ali tomara a palavra para explicar que o regionalismo nordestino não tinha nada de separatista mas se constituía na defesa de tradições locais tidos como valiosos para a existência da nação<sup>43</sup>. O mesmo poderia ser dito do *Livro do Nordeste*, publicado em fins de 1925, em comemoração ao centenário do *Diário de Pernambuco*, e do I Congresso Regionalista do Nordeste, realizado em 1926, dois dos eventos que mais diretamente contribuíram para a formação da confraria intelectual e seu reconhecimento público.

Coordenado por Gilberto Freyre, então aventado para assumir a direção do jornal, o *Livro* incluiu a publicação de artigos de história regional e colonial, relações com Portugal, a vida social no Nordeste, problemas ambientais e sociais da região, suas artes populares, vida literária, artística, intelectual, profissional e jornalística, assim como sobre a cidade do Recife, compondo uma moldura de significados no interior do qual emerge certa continuidade narrativa. Organizado no Recife em fevereiro de 1926, o I Congresso Regionalista do Nordeste, por sua vez, contaria entre seus participantes, além de Gilberto, Odilon e Moraes Coutinho, militante assíduo do Centro, e de quase todos os colaboradores do *Livro*, com a participação de um grupo até mais diverso, inclusive em termos profissionais ou disciplinares: o próprio Carlos Lyra Filho, usineiro alagoano, proprietário e redator-chefe do *Diário de Pernambuco*, que o encomendara a publicação; os senhores de engenho pernambucanos Pedro Paranhos e Julio Bello, este, além de jornalista e memorialista, tio e cunhado do então vice-presidente da República, o advogado Estácio Coimbra, que pouco tempo depois seria eleito governador de Pernambuco; políticos como Anibal Fernandes, Samuel Hardman - que já haviam colaborado no *Livro do Nordeste* com artigos sobre o Recife e as secas do Nordeste - e Amaury Medeiros, respectivamente secretários de Interior e Justiça, Agricultura e Saúde do governo Sérgio Loreto então no poder, e o deputado federal Luiz Cedro; o psiquiatra Ulysses Pernambucano, primo de Gilberto, e o educador Alfredo Freyre, seu pai; entre os escritores, Joaquim Cardozo - que

<sup>36</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>37</sup> Idem. “----- 68”, *Diário de Pernambuco*, 3/8/1924 IN Tempo de Aprendiz. Vol. 2, p. 54

<sup>38</sup> Idem. “Recife, 1923” IN Tempo morto, p. 128.

<sup>39</sup> Cf. “Programa do Centro Regionalista do Nordeste”. *Diário de Pernambuco*. Recife, 29/08/1924.

<sup>40</sup> Para uma gênese crítica das ideias e ideologias de Nordeste ao longo do séculos XIX e XX, cf. Francisco de Oliveira. Elegia para uma Re(li)gião, 1977; Denis Bernardes. “Notas sobre a formação social do Nordeste”, 2007, p. 41-79.

<sup>41</sup> Gilberto Freyre. “A Propósito de Regionalismo no Brasil”. *Diário de Pernambuco*. Recife, 11/10/1925 IN Tempo de Aprendiz. Vol. 1, p. 217. Ver também Gilberto Freyre. Manifesto Regionalista de 1926, 1955.

<sup>42</sup> Tendo à frente, Manuel Caetano de Albuquerque e Melo, sua plataforma combinava a defesa do tradicionalismo com apostas no progresso nacional e no desenvolvimento literário. Cf. Neraldo de Azevedo, Modernismo e Regionalismo, p.109-110.

<sup>43</sup> Gilberto Freyre. “Do bom e do mau regionalismo”. *Revista do Norte*, No.5, Ano 2, out. 1924.

assumira direção da Revista do Norte em 1925 e também colaborara com o *Livro* - e Ascenso Ferreira, Austro-Costa, Joaquim Inojosa e Mário Sette; viriam da Paraíba, José Américo de Almeida, e de Natal, Luís da Câmara Cascudo, um tanto reticentes às visões freyreanas; jornalistas, cronistas e historiadores como Mário Melo, Octávio Brandão e o velho Manuel Caetano de Albuquerque Melo, também amigo íntimo de Gilberto, e seu filho José Maria; o arquiteto Nestor de Figueiredo, então presidente do *Instituto Central dos Arquitetos*, o engenheiro Eduardo de Moraes, entre outros.

Três grandes motivações os reunia. Em primeiro lugar, a valorização das coisas regionais, que passava por uma imagem tradicional do Nordeste como fonte inesgotável de brasilidade; justificativa que, agora, tanto podia recompensar o prestígio ameaçado das oligarquias rurais, quanto firmar uma contribuição original e autêntica à cultura nacional. Neste caso, em segundo lugar, era como possibilidade de conhecimento da especificidade cultural da região que um interesse histórico, folclórico e antropológico se afirmava na procura do passado e do mundo popular. E era precisamente neste pendor primitivista, por fim, que a interpretação, recriação ou inovação artístico-literária era concebida.

## GENEALOGIA DA CIDADE N'A PROVÍNCIA

A militância de Gilberto na imprensa recifense, em torno do Centro, da *Revista*, do *Livro* e do Congresso, sua convicção de que se tratava de enunciar um manifesto cultural alternativo à modernização e ao modernismo, parecem ter encontrado no jornal *A Província* um espaço estratégico de popularização. De fato, entre 19 de agosto de 1928 e o final de 1930, durante o governo Estácio Coimbra, de quem Freyre tornara-se chefe de gabinete em 1926, a direção daquele tradicional periódico pernambucano seria entregue a ele e a José Maria Bello, advogado formado no Rio e jornalista militante, filho de Júlio Bello e primo de Coimbra, deputado e senador por Pernambuco a partir de 1926, tendo como chefe de redação o jornalista e crítico literário Olívio Montenegro, também descendente de família de senhores de engenho. Juntos eles imprimiram uma reforma editorial decisiva no jornal, projetando-o como vitrine do pensamento liberal, engajado na modernização cultural de Pernambuco<sup>44</sup>.

Contando curtos períodos de interrupção, *A Província* àquela altura tinha quase 60 anos de existência.<sup>45</sup> Congregando parte significativa da elite federalista, liberal e abolicionista da região, *A Província* vinha adotando na Primeira República uma postura de oposição, senão de neutralidade face à hegemonia conservadora de senhores de engenho, militares, coronéis e usineiros em Pernambuco, aproximando-se desde cedo do Partido Autonomista. Quando Gilberto e José Maria assumiram *A Província* em 1928 era, portanto, a primeira vez que o jornal se alinhava à situação e especialmente a uma corrente política conservadora, representada pelo governador Estácio Coimbra, eleito pelo Partido Republicano de Pernambuco em 1926.<sup>46</sup>

Já no primeiro número de sua nova fase, os editores deixam clara a linha política de situação naquele momento de grandes incertezas: "Tanto quanto órgão de informação e crítica, será *A Província* um jornal político, ligado pela mais consciente simpatia ao Partido Republicano de Pernambuco."<sup>47</sup> Ainda que limitado ao longo de toda essa nova fase pelo serviço estratégico que cumpria na defesa do governo e das forças que este representava<sup>48</sup>, a importância política que o jornal então assumia parece ter fornecido legitimidade à nova direção para empreender a reforma desejada. Como não poderia deixar de ser em Pernambuco, em economia o setor açucareiro teria destaque, mas o jornal também reservaria espaço para os conflitos internos entre usineiros e fornecedores de cana e a necessidade de romper com o monopólio do produto valorizando a pecuária, frutas, coco e algodão, a indústria e o comércio.

Para não deixar dúvidas sobre a herança tradicional, o número inaugural da nova fase estampou xilogravuras de três de seus patriarcas: Mariano, José Maria e Nabuco, feitas por Manoel Bandeira. Reafirmando sua continuidade com as "Tradições d'A Província", de inconfundível "pernambucanismo", o diário não se propunha a recebê-las passivamente. Declarava-se favorável ao culto das tradições "que correspondem à realidade dos nossos problemas." Alinhava-se assim a uma leitura da região ali estabilizada, na referência à complementariedade entre valores tradicionais e modernos, vistos como "retificando-se nos seus excessos, corrigindo-se uns aos outros, clarificando-se, depurando-se."<sup>49</sup> Além da pauta

<sup>44</sup> Pernambuco concentrava então uma imprensa periódica das mais ativas no país, que teria papel fundamental na formação de uma consciência de região. Em 1920, a cidade abrigava nove grandes jornais diários, entre os quais *A Província*, e de 1916 a 1930, nela foram editados 382 títulos não diários. Luiz do Nascimento, *História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)*. Vol. 3, 1967; Idem, *ibidem*. Vol. 8, 1982.

<sup>45</sup> Fundado em 1872 sob a direção do senhor de engenho, político liberal e abolicionista José Mariano Carneiro da Cunha, seu programa original consistia na defesa da descentralização política do Império como garantia da liberdade das províncias e da integridade nacional, logo se engajando na luta federativa e na propaganda abolicionista. Interrompido em 1878, reaparece em 1885 sob a direção de José Maria de Albuquerque e Melo, pai de Manuel Caetano, quando ganham peso os espaços literário, noticioso e comercial e são introduzidas seções de ciência, variedades, religião, publicações e humor. Entre os colaboradores figuram Joaquim Nabuco e Luiz Ferreira Maciel Pinheiro. Cf. Luiz do Nascimento, *História da Imprensa de Pernambuco*. Vol. 2, p.174, 179. Cf. ainda *A Província*. Ano 42, No. 192, 19/8/1928, p. 13.

<sup>46</sup> Usineiro que se tornara Vice-Presidente de Arthur Bernardes, Coimbra representava lealmente os interesses açucareiros pernambucanos, sendo cogitado como candidato à Presidente nas eleições de 1930. Cf. Robert Levine. *A velha usina*, p. 134.

<sup>47</sup> *A Província*. No. 192, 19/8/1928, p.1.

<sup>48</sup> Além da propaganda oficial, de mensagens de prefeitos, atividades legislativas e forenses, em julho de 1929 acolhe uma espécie de boletim do PRP. Duas semanas antes da deflagração do movimento de 1930, o jornal lança um número especial dedicado à Aliança Liberal e às realizações do governo. Não por acaso, um dia depois da revolução liderada por Vargas, o jornal foi impedido de circular por mais de um ano. Gilberto Freyre partiu em exílio para Portugal, ao lado de Coimbra. *A Província* só voltaria a circular em 1932 e em 1933 encerrou suas atividades.

<sup>49</sup> "As Tradições da 'A Província'". *A província*. No. 192, 19/8/1928, p. 9.

renovada, a página três, que estampava o nome dos diretores e o editorial, absorveria o grosso das contribuições autorais na forma de crônicas e ensaios curtos sobre temas variados<sup>50</sup>. Mantendo, pois, o caráter abrangente de cotidiano, com ênfase em assuntos candentes da política e da economia, assim como no entretenimento e na vida cultural e social locais, negociando ao mesmo tempo com a propaganda pública e privada, *A Província* parecia autenticar-se também pela autoridade dos colaboradores, assim como pelo estímulo a reportagens de campo, à variedade de enfoques, à linguagem ágil e atual e uma diagramação mais moderna e ilustrada que de costume.

Entre os colaboradores figuram nomes de gerações, origens regionais e orientações intelectuais, estéticas e políticas variadas, muitos dos quais diretamente vinculados a Freyre e às campanhas e controvérsias que ele vinha liderando desde o começo da década: jornalistas e críticos como José Maria, Olívio, Coutinho e Fernandes – que escrevia sobre ideologias contemporâneas e patrimônio histórico – além de Rodrigo Melo Franco de Andrade e Salomão Filgueira, que se bateria contra a leitura pitoresca dos mocambos de Gilberto, Sette e Ribeiro Couto, autor da coluna “Cartas da França”, sobre política e cultura, diplomata que era, assim como Joaquim Eulálio, outro colaborador menos assíduo do jornal; escritores acadêmicos como Medeiros e Albuquerque, modernistas como Jorge de Lima, Prudente de Moraes Neto, Cardozo, Ronald de Carvalho e Manuel Bandeira, talvez o articulista externo mais constante, tratando de poesia, pintura, paisagismo, música, arquitetura, política, e regionalistas como José Américo de Almeida e José Lins do Rego; educadores como Antonio Carneiro Leão<sup>51</sup>, cuja reforma no ensino público em implementação era notícia permanente, e Sylvio Rabello, que escrevia sobre tendências pedagógicas do período<sup>52</sup>, o médico Ulisses Pernambucano, figura inovadora no enfoque das doenças mentais, ensaístas e historiadores como Estevão Pinto, Ademar Vidal e Francis Butler Simkins, colega dos tempos de Columbia, artistas como Bandeira, Luis Jardim e Joanita Blank, que escrevia semanalmente sobre moda feminina, urbanistas como Eduardo de Moraes e José Estelita, atentos aos melhoramentos municipais e às discussões sobre zoning<sup>53</sup>, empresários como o industrial Othon Bezerra de Melo e o fazendeiro Julio Bello, o maestro Ernani Braga, a cargo da secção musical, juristas como Odilon, Pontes de Miranda e Barbosa Lima Sobrinho, então presidente da Associação Brasileira de Imprensa, além de estreates como José Antonio Gonsalves de Mello e Evaldo Coutinho.

Entre os múltiplos temas tratados nesse período, o tema da criança se distingue não só porque inusitado e recorrente, mas por sua clara filiação ao projeto freyreano de uma história íntima da sociedade brasileira, que o levaria a redigir *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*. Seu diário de juventude dá inúmeros testemunhos do desejo de escrever a história da vida de menino no Brasil, para ele uma espécie de busca do tempo perdido: “através de vários tempos e várias regiões: engenho, fazenda, cidade, Rio, Recife, Bahia, Rio Grande do Sul, Pará, séculos coloniais, século XIX, começo do XX”.<sup>54</sup> O interesse era tributário da obra de Pater, especialmente do conto *The child in the house*<sup>55</sup>, e ganharia fôlego no questionamento acerca do modo de escrever a história do Brasil com base em marcos e feitos políticos do passado. Assim como a casa e a vida privada, a criança vinha surgindo ao longo da década de 1920 como possibilidade também de reaproximação à perspectiva sincrônica da antropologia e da psicologia, assumindo enquanto tal uma importância metodológica e não apenas metafórica, de fazer entrecruzar a longa duração da vida social com a escala biológica da vida individual.

Em agosto de 1929 um número especial d'*A Província* foi dedicado ao tema. No editorial é possível reconhecer um posicionamento crítico em face da indiferença em relação à experiência infantil, “outrora tão desdenhada”, especialmente em uma sociedade como a brasileira em que “a falta de contato com a realidade ambiente parece que relegava os meninos para um plano inferior”<sup>56</sup>. O número incluiu uma reportagem sobre as atividades promovidas pela municipalidade no dia da criança, um longo artigo do educador Sylvio Rabelo sobre as novas orientações em pedagogia infantil propostas por Montessori, Dewey e Angelo Patri<sup>57</sup>. Ainda que ali se associasse a uma efeméride, o tema constituiria ponto de pauta regular, ora encarado pelo prisma das políticas de escolarização primária, higiene, puericultura, recreação, assistência e mortalidade infantis, trabalho e abandono de menores; ora voltada à compreensão do mundo infantil em sua psicologia, linguagem, brincadeiras e lugar na sociedade. Um de seus porta-vozes era Raul dos Passos, um dos pseudônimos de

<sup>50</sup> O número típico seria composto de oito páginas: a primeira, reservada ao noticiário nacional e internacional; a segunda, de caráter mais informativo, institucional, acadêmico, esportivo e cultural; a quatro trazia dados sobre os poderes públicos; a cinco, a coluna social, variedades e anúncios; a seis, classificados e romances em folhetim; a sete trazia indicadores econômicos, financeiros e portuários; e a oito, mais informações e anúncios, em geral ligados ao transporte marítimo. Semanalmente um segundo caderno, mais curto, absorveria as colunas assinadas de música, moda feminina e vida doméstica.

<sup>51</sup> Ex-diretor geral de Instrução Pública do Distrito Federal entre 1922 e 1926, fora nomeado secretário estadual de instrução por Estácio Coimbra ao final deste ano. Sobre a reforma de ensino em Pernambuco e o papel de Gilberto Freyre, ver Simone Meucci, 2006, p. 31-37.

<sup>52</sup> Sylvio Rabelo. “como Angelo Patri chegou a disciplinar as suas classes”. *A Província*. No. 153, 6/7/29, p. 3; Idem. “O que devem ser programas escolares”. *A Província*. No. 164, 20/7/29, p.3; Idem. “A nova fase do ginásio pernambucano”. *A Província*. N. 231, 8/10/29, p.3; Idem. “O reinado das crianças”. *A Província*. No. 236, 13/10/29, p.3.

<sup>53</sup> Jose Estelita. “As duas maiores necessidades do Recife”. *A Província*. No. 150, 3/7/29, p.3; Idem. “As duas maiores necessidades do Recife”. *A Província*. No. 161, 16/7/29, p.3; Idem. “Como deve ser feita a remodelação das nossas pequenas cidades”. *A Província*. No. 263, 14/11/1929, p.3; Eduardo de Moraes. “Problemas urbanos e portuários”. *A Província*. No. 229, 5/10/29, p.3.

<sup>54</sup> Gilberto Freyre. *Tempo morto*. p.136-137.

<sup>55</sup> A ele, o autor retornaria constantemente após o regresso ao Brasil. Cf. Freyre. *Tempo morto*. p. 154. 160, 205, 207. O conto, originalmente publicado em 1878, narra o mergulho do personagem Florian Deleal em sua história de formação a partir da reconstituição de sua infância na casa onde morava. Cf. Pallares-Burke. Gilberto Freyre, p.186-188.

<sup>56</sup> “Em Prol da criança”. *A Província*. No. 236, 13/10/29, p.3.

<sup>57</sup> Sylvio Rabelo. “O reinado das crianças: antes de ser uma preparação para as atividades futuras, a escola deve ser pelo seu espírito e pelas suas ocupações um ambiente em que as crianças encontrem satisfações presentes”. *A Província*. No. 236, 13/10/29, p. 3-4.



Gilberto Freyre no jornal. De temperamento aristocrático, amante da cidade e de seus mistérios<sup>58</sup>, Passos escreveria, por exemplo, a respeito do lançamento de cantigas infantis por Ribeiro Couto e Manuel Bandeira, que para ele chegavam em momento auspicioso de reforma educacional no estado, por meio da qual se pretendia “dar ao nosso ensino mais íntimo contato com a realidade brasileira” entre outras coisas preservando as crianças da tirania dos insípidos hinos que falavam numa “pátria muito vaga e muito distante de toda a experiência infantil.”<sup>59</sup>

Um dos enfoques da questão liga-se diretamente ao lugar das crianças na cidade: o tema dos parques infantis. Quando Gilberto Freyre, no início de 1929, assumira a convite de Coimbra a cadeira de sociologia na Escola Normal de Pernambuco, a “sociologia da criança” já comparecia em seu programa de curso.<sup>60</sup> Tratava-se, por certo, de uma adaptação da disciplina à realidade da instituição, voltada à formação de professoras primárias. Mas não deve ter sido por acaso que entre os primeiros exercícios práticos desenvolvidos pelas normalistas sob sua orientação constasse um *survey* a respeito do lazer infantil no Recife<sup>61</sup>. O fato é que o assunto viria a ser tratado por Raul dos Passos em julho daquele ano tendo em vista o processo de urbanização:

“Vão desaparecendo os sítios, os grandes quintais e mesmo os pequenos. Por um lado é bom que a edificação se desenvolva na área urbana. Os serviços municipais tornam-se horrivelmente dispendiosos com o alastramento à toa e sem necessidade das edificações. É preciso que no Brasil se cultive a tendência para a concentração que é a essência mesma do espírito urbano. Mas com essa concentração, com esse desenvolvimento de edificações, de espírito urbano, impõe-se a cidade cuidar com o maior interesse de destinar em cada bairro uma ou duas áreas fartamente arborizadas para o repouso da gente grande que more em casa de porta e janela, sem a sombra doce uma árvore, a para o recreio dos pequenos habitantes de casas assim apertadas ou de primeiros e terceiros andares.”<sup>62</sup>

Se a cidade vinha crescendo e se adensando com a extinção das árvores nativas, sítios e quintais, não era aceitável que se continuasse a enfrentar o problema paisagístico de modo ornamental, absolutamente insensível a seu papel social na cidade. Era preciso conceber os parques como parte da infra-estrutura urbana, como algo elementar ao funcionamento e à alegria da cidade. Inúmeros os editoriais que viriam a se debruçar sobre o assunto<sup>63</sup>. Até Manuel Bandeira abraçaria a causa: era “preciso reformar os jardins do Recife pensando nas crianças”, dizia ele, introduzindo trapézios, balanços, argolas e outros aparelhos para exercícios físicos, aviários e aquários “para distração mental e educação do espírito”, de modo a assegurar na cidade espaços públicos “animados pela alegria das crianças”<sup>64</sup>. Também Sylvio Rabello, se somaria à cruzada: afinal, assim como os parques, as escolas também deveriam ser encaradas como “peças e engrenagens da sociedade”, voltadas à “socialização democrática” das crianças por meio do brinquedo e da brincadeira<sup>65</sup>.

O tema parecia assim adquirir no jornal claro significado ético-político. Como se a abordagem do lugar das crianças na cidade pudesse funcionar não apenas para a crítica da urbanização e do urbanismo contemporâneos<sup>66</sup>, mas para retirá-las do silêncio a que foram historicamente condenadas. E ao reconsiderar a sua ausência empírica era também de uma ausência conceitual que se tratava: elas desafiavam como ninguém a lógica abstrata e funcional da cidade e as concepções diacrônicas do tempo; e seus brinquedos e brincadeiras revitalizavam o espírito urbano ao reabilitar o vivido, o sensível, o lúdico, o íntimo e o memorial na experiência histórica.

São inúmeras as associações possíveis entre o tema da criança e o debate histórico social em Gilberto Freyre. O que importa aqui discutir é ainda a constituição dessa arena cultural urbana no Recife, em detrimento de suas evidentes limitações em termos metropolitanos. Senão por outras razões ao menos pelo fato de nela ter brotado uma perspectiva historiográfica de certa originalidade e relevância no campo da história urbana, e mesmo da história social e cultural das cidades no Brasil<sup>67</sup>. Como ela teria ao fim e ao cabo se conformado? Talvez devido à ação constante e vigorosa de

<sup>58</sup> Entre as múltiplas afinidades ideológicas e estilísticas entre Raul dos Passos e Gilberto Freyre, a retomada da imagem oriental e feminina da cidade do Recife na crônica “Aspectos do Recife”, é reveladora. Cf. Raul dos Passos. “Aspectos do Recife”. *A Província*. No. 270, 23/11/29, p.3.

<sup>59</sup> Raul dos Passos. “Canções para meninos”. *A Província*. No. 151, 4/7/1929, p.3

<sup>60</sup> Meucci, op. cit., p. 71.

<sup>61</sup> Idem, p. 79. A dimensão prática do exercício, deveria inclusive subsidiar sua aplicação política.

<sup>62</sup> Raul dos Passos. “Parques infantis”. *A Província*. No. 173, 31/7/1929, p.3. O artigo na verdade surge para fazer coro à exortação, publicada no editorial do jornal alguns dias antes, ao prefeito Costa Maia para que viesse a criar o primeiro parque infantil do Recife. Cf. “A criação de um parque infantil”. *A Província*. No. 171, 28/7/1929, p.3. E ainda Raul dos Passos. “A arborização do Recife”. *A Província*. No. 105, 8/5/1929, p.3.

<sup>63</sup> Entre outros: “A monotonia do ficus”. *A Província*. No. 134, 12/6/1929, p.3; “Arborização da cidade”. *A Província*. No. 153, 6/7/1929, p.3; “Árvores e jardins”. *A Província*. No. 164, 20/7/1929, p.3; “O respeito pelas velhas árvores”. *A Província*. No. 250, 30/10/1929, p.3; “Jardins e árvores da cidade”. *A Província*. No. 268, 21/11/1929, p.3; “Parques públicos”. *A Província*. No. 285, 11/12/1929, p.3

<sup>64</sup> Manuel Bandeira. “O Recife é uma cidade sem jardins”. *A Província*. No. 230, 6/10/1929, p.3.

<sup>65</sup> Sylvio Rabello. “O reinado das crianças”. *A Província*. No. 236, 13/10/29, p.3-4

<sup>66</sup> Ligava-se assim a uma clara plataforma do jornal para a cidade: Em prol da preservação do patrimônio histórico contra a sanha demolidora do momento, do uso pedestre das ruas contra o primado da racionalidade viária, de critérios climáticos, topográficos e hidrográficos de edificação urbana contra a mania de retificação dos tecidos, em favor de uma arquitetura popular inspirada nos mocambos como solução inteligente ao problema habitacional.

<sup>67</sup> Se o Recife era ao mesmo tempo um ponto histórico importante de entrada e saída de capitais, idéias e viajantes no país ao longo de séculos, centro de camadas dirigentes influentes desde o Império e pólo pulsante de uma vida cívica, literária e bem pensante na República; o declínio da ordem senhorial que nela deixaria fortes marcas, começava se tornar historicamente paradigmático para a compreensão do Brasil moderno. Tudo se passa como se as trajetórias de vida ali não apenas tivessem muito a dizer sobre a sociedade e a história, mas o estudo da problemática local pudesse sustentar perspectivas, posições e aspirações das mais prolíficas na explicação do país nas décadas seguintes. Não é de estranhar que em torno da cidade viessem a florescer na ficção, na arte, nos estudos sociais ou na historiografia, topoi cruciais de entendimento dos traços e resíduos, impasses e efeitos da modernização do país. Ao menos é o que se

intelectuais carismáticos como Gilberto Freyre, ou outros como Joaquim Inojosa, Souza Barros e Joaquim Cardozo, então muito envolvidos em causas e campanhas coletivas, na acolhida e disseminação de novas ideias, na criação de meios de troca cultural na cidade. Ou em função da densidade dos meios letrados, do campo comum de referências e disputas, dos recursos locais de militância cultural, intensamente compartilhados em redes primárias de relacionamento, afeto, interesse e ancestralidade inter-pares.<sup>68</sup> Ou ainda, graças à concentração na cidade de um imponente meio de imprensa e de um sistema cultural relativamente avantajado face a uma elite cultural marcada por sua natureza interligada<sup>69</sup> e de certo modo protegida do teste público pela maré de analfabetismo ao seu redor. Talvez pudéssemos compreender a sua conformação, por outro lado, como efeito da desintegração da ordem tradicional local, algo vivido por muitos de seus membros como detonadores de afinidades nostálgicas ou obstinados empreendimentos de investigação de si em distintas áreas de conhecimento. Ou antes, de uma consciência de desnivelamento que, condensada pela cidade, deparava-se com prismas ideológicos concorrentes, ora derivados de interesses oligárquicos rivais, ora de visões de mundo mais urbanizadas, profissionais ou radicais, populares ou mesmo revolucionárias. O fato é que foi nesse tecido denso de relações entre o social e o íntimo, o político, o intelectual e o boêmio, que de algum modo se afirmou esse projeto de história urbana como autobiografia coletiva.<sup>70</sup> Com todos os riscos pessoais e teóricos que o experimento implica.

## REFERÊNCIAS

- Azevedo, N. P. *Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.
- Bandeira, M. *Itinerário de Pasárgada*. 7ª. ed. São Paulo: Global, 2012.
- Barros, M. de S., *A década 20 em Pernambuco (uma interpretação)*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.
- Beales, D. "History and biography: an inaugural lecture" IN Blanning, T.C.W. e Cannadine, D. (orgs). *History and Biography: essays in honour of Derek Beales*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, 266-283.
- Bender, T. *New York intellect: a history of intellectual life in New York City from 1750 to the beginnings of our time*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1988.
- Bernardes, D. "Notas sobre a formação social do Nordeste". *Lua Nova*. No. 71, 2007, 41-79.
- Bourdieu, P. "L'illusion biographique". *Actes de la Recherche en sciences Sociales*, Nos. 62-63, jun. 1986, 69-72;
- Caine, B. *Biography and History*. New York: Palgrave Macmillan, 2010.
- Coppolani, A. e Rousseau, F. (orgs). *La biographie en histoire: jeux et enjeux de l'écriture*. Paris: Michel Houdiard Editeur, 2007.
- Dimas, A. "Um manifesto guloso" IN Freyre, G. *Manifesto Regionalista*. 7a. ed. Recife: Massangana, 1996, 23-44.
- Dosse, F. *Le pari biographique: écrire une vie*. Paris: La Découverte, 2011.
- Freyre, G. "Social life in Brazil in the middle of the Nineteenth century". *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 5, No. 4, nov. 1922, 597-630.
- \_\_\_\_\_. "Vida social no Nordeste: aspectos de um século de transição" IN Freyre, G. (org.). *Livro do Nordeste, comemorativo do 1º. Centenário do Diário de Pernambuco (1825-1925)*. Recife: Oficinas do Diário de Pernambuco, 1925.
- \_\_\_\_\_. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, Rio de Janeiro, Maia & Schmidt, 1933;
- \_\_\_\_\_. *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*. Recife: Oficinas Graphics de The Propagandist, 1934.
- \_\_\_\_\_. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcho rural no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- \_\_\_\_\_. *Um Engenheiro francês no Brasil*. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1940.
- \_\_\_\_\_. "Introdução", IN Mello, F.C. de A. *Memórias de um Cavalcanti*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1940.
- \_\_\_\_\_. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcho rural e desenvolvimento do urbano*. Vol. 1. 2ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.
- \_\_\_\_\_. *Manifesto Regionalista de 1926*. Rio de Janeiro: MEC, 1955.
- \_\_\_\_\_. *Ordem e Progresso: Processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1959.
- \_\_\_\_\_. *Retalhos de Jornais Velhos*. 2a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Contribuição para uma Sociologia da Biografia: o exemplo de Luiz de Albuquerque, governador de Mato Grosso no fim do século XVIII: Vol. I*. Lisboa: Academia Internacional de Cultura Portuguesa, 1968.

---

depreende de interpretações ali enunciadas, que décadas mais tarde amadureceriam em verdadeiros cânones de interpretação social e cultural do país: os temas da região e do subdesenvolvimento, tendo o Nordeste como emblema, as permanências do passado colonial e escravocrata, os dilemas entre público e privado, do patriarcalismo, do privatismo e do coronelismo na política, o êxodo rural, a pobreza urbana, os meios de vida e saúde, a problemática ecológica da devastação das matas, da seca e da fome, a miscigenação étnica, os hibridismos na cultura popular, as matrizes afro-brasileiras de cultura, entre outras.

<sup>68</sup> Até segunda ordem, quase todos eram homens, luso-brasileiros, brancos ou mulatos, católicos, nordestinos, residentes ou não na região, de classe alta ou média, ainda que decadentes socioeconomicamente, muitos filhos do açúcar e poucos de origem modesta como Luis Jardim, Souza Barros e Osório Borba. Praticamente nenhum dos pares era negro, mulher, judeu, homossexual ou estrangeiro. O que do ponto de vista de uma história marcada pelas biografias individuais não é certamente algo irrelevante.

<sup>69</sup> Senão aparentada, em 1920 composta por não mais que 500 famílias. Cf. Levine, A velha Usina, p.93.

<sup>70</sup> Gilberto Freyre, "Como escrever-se uma autobiografia coletiva do Recife?", pp. 451-478.

- \_\_\_\_\_ Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- \_\_\_\_\_ "Como escrever-se uma autobiografia coletiva do Recife?" IN Arquivo Público Estadual de Pernambuco. Um tempo do Recife. Recife: Ed. Universitária, 1978, 451-478.
- \_\_\_\_\_ Tempo de Aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor (1918-1926). 2. Vols. São Paulo: IBRASA/ Brasília: MEC, 1979.
- \_\_\_\_\_ De menino a homem. São Paulo: Global, 2010.
- Goncourt, E. e J. de. Portraits intimes du XVIIIème siècle: études nouvelle d'après les lettres autographes et les documents inédits. Vol. 1. Paris: E. Dentu Librairie-éditeur, 1857.
- Inojosa, J. Notícia biobibliográfica de Joaquim Inojosa. Rio de Janeiro: Editora Meio-dia, 1975.
- Larreta, E. e Giucci, G. Gilberto Freyre: uma biografia cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- Levine, R. A velha usina: Pernambuco na federação brasileira, 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- Lira, J. Mocambo e Cidade: regionalismo na arquitetura e ordenação do espaço habitado. São Paulo: Tese de Doutorado, FAU-USP, 1996.
- \_\_\_\_\_ "Naufração e galanteio: viagem, cultura e cidade em Mário de Andrade e Gilberto Freyre". Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 20, No.50, fev. 2005, 143-176.
- Loriga, S. Le Petit x: da la biographie à l'histoire. Paris: Seuil, 2010.
- Meucci, S. Gilberto Freyre e a sociologia no Brasil: da sistematização à constituição do campo científico. Campinas, Dissertação de mestrado, IFCH-Unicamp, 2006.
- Moraes, J. V. de e Ratton Jr., J. L. "Gilberto Freyre e a articulação dos níveis micro e macro na sociologia". Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 20, No. 58, Junho 2005.
- Nascimento, L. História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954): vol.2 – Diários do Recife – 1829-1900. Recife: Imprensa Universitária, 1966.
- \_\_\_\_\_ História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954): vol. 3 – Diários do Recife, 1901-1954. Recife: Imprensa Universitária, 1967.
- \_\_\_\_\_ História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954): vol. 8 – Periódicos do Recife, 1916-1930. Recife: Imprensa Universitária, 1982.
- Oliveira, F. de. Elegia para uma Re(li)gião. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- Pallares-Burke, M. L. Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos. São Paulo: Unesp, 2005.
- \_\_\_\_\_ e Burke, P. Repensando os trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freyre. São Paulo: Unesp, 2008.
- Passeron, J.-C. "Le scénario et le corpus: biographies, flux, itinéraires, trajectoires". Revue Française de Sociologie. No. 31, 1990, 3-22.
- Peixoto, F. "A cidade e seus duplos: os guias de Gilberto Freyre". Tempo Social, revista de sociologia da USP. Vol. 17, No. 1, Junho 2005, 159-173.
- Popkin, J. History, historians and autobiography. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.
- Rabello, S. Tempo ao tempo: memórias e depoimentos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979.
- Rezende, A. P. (Des)encantos Modernos: Histórias da Cidade do Recife na Década de Vinte. São Paulo: Tese de doutorado, FFLCH/ USP, 1992.
- Schorske, C. Viena Fin-de-Siècle: Política e Cultura. São Paulo: Companhia das Letras/ Campinas, UNICAMP, 1989.
- Veyne, P. Comment on écrit l'histoire: essai d'épistémologie. Paris: Seuil, 1971.